

A photograph of a white ceramic face sculpture with a simple smile, surrounded by green leaves and yellow flowers. The sculpture is the central focus, with its face and smile clearly visible. The background is a mix of green leaves and yellow flowers, creating a natural and artistic setting. The lighting is soft, highlighting the smooth texture of the ceramic.

ENTREVISTA

*Tempos de Rezo.
Fotografia por Bitta Bardo, Pirituba, SP, 2023.*

Depois que recebemos o texto de Gayaku Elenice de Oyá, sobre ancestralidade e religiosidade, sentimos vontade de convidá-la a falar um pouco mais sobre o tema e sobre sua vivência como mulher negra dentro e fora do contexto do candomblé.

Combinamos de que faríamos uma entrevista com ela, o que fizemos no dia 23 de setembro de 2023, em um intervalo entre as funções daquele final de semana. Gayaku é zeladora de uma casa da nação Jeje Mahi, o *Rumpame Dan Kwe Lemin*, localizado em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias, do qual eu, Carlos, também faço parte.

O que você tem acesso aqui é a transcrição da conversa que tivemos em setembro de 2023, quando o Rumpame se preparava para a festa de comemoração dos 30 anos de fundação da casa, que aconteceu em outubro de 2023.

Carlos: Primeiro, gostaria que a senhora se apresentasse.

Gayaku Elenice: Bom, meu nome é Elenice de Souza Silva, mas no *Rumpame* sou *Gayaku Elenice de Oyá*. Sou natural do Rio de Janeiro, nasci em Ipanema, Morro do Cantagalo, mas depois vim morar em Nova Iguaçu, isso lá pra mil novecentos e alguma coisa. Já bem distante. Mas me resido hoje em Nova Iguaçu e o nosso *Rumpame* é em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Carlos: E como que começou os passos da senhora dentro do Candomblé?

Gayaku Elenice: Candomblé começou a partir de mil novecentos e noventa e cinco. Que eu era de *Omolocô*, do senhor chamado Seu Moura, que era *Omolocô*. O nome da casa era Pai Joaquim da Angola, no Cosme Velho, ali em Laranjeiras, e o centro dele era dentro de uma mata, abaixo do túnel Santa Bárbara. E aí eu comecei nessa casa, nesse mesmo ano, só que no comecinho, e aí foi um processo, né? Que eu tive perante esse

Fotografia cedida por Gayaku Elenice de Oyá





Fotografia cedida por Gayaku Elenice de Oya

ensinamento, essa doutrina de Umbanda misturada com *Omolocô*, mas só que foi por uma passagem, não foi pra mim ficar. Fiquei só o tempo que eu tinha que permanecer.

E daí chegou um dia que minha mãe Oyá bolou e eu fiquei bastante tempo desacordada nessa casa e quando eu acordei, quando ele [o pai de santo] me acordou, que eu voltei, ele disse: “minha filha aqui não é mais tempo pra você. A sua missão aqui já foi cumprida, o seu santo é de Candomblé, e Iansã quer raspagem e eu, aqui, não faço isso”.

Mas fiz camarinha, quase fui uma babá de umbanda, né? Porque eu tinha a minha camarinha, dava consulta com as minhas entidades, entidades essas que eu nunca abandonei, até hoje estão comigo, que é meu caboclo, que é minha preta velha, que é a minha Pombagira e é claro, lógico, evidente que a Oyá, que é o meu ar, minha vida, meu céu, o tudo pra mim.

Aí eu deixei essa casa com muito amor, mas também com muita tristeza, porque Candomblé era uma palavra que me amedrontava bastante, porque as pessoas, até hoje, pra quem não conhece, falam horrores da gente, né? Mas só que depois que a gente entra e que a gente começa a ver que o amor é o mesmo, a simplicidade que temos que ter é a mesma, o carinho, o respeito, a fé, a crença, isso tudo eu tinha também no *Omolocô* e aí vim para o candomblé.

Cheguei aqui, já era depois, quando eu saí do seu Moura. Eu precisava fazer uns trabalhos e, minha tia carnal, minha tia Leda, ela já tinha feito uns trabalhos com um pai de santo, o meu falecido pai Amauri e ela gostou muito e eu perguntei a ela: “eh, tia, eu quero ir nesse moço que você foi lá fazer os seus trabalhos, que eu estou precisando fazer algo pra minha mãe Oyá”. Eu já tinha tempo que eu já tinha saído de lá da minha casa de *Omolocô*. E aí, ele marcou um jogo comigo. Ele até ainda morava em Vista Alegre, ele jogava em Vista Alegre, mas tinha aqui, em Santa Cruz, a roça. E marcava com ele de vir, já tinha ido lá, já tinha feito os trabalhos com ele, mas não tinha vindo aqui na roça. E ele sempre me convidando pra eu vim aqui, passar um dia no sítio. “Vai lá no sítio, lá na casa de macumba”... Aí eu “não, mas eu vou sim! Pode deixar que eu vou, eu vou conhecer seu sítio”.

Quando eu vim pra conhecer esse sítio, já tinha um barco recolhido que já tinha minha *Dofona*, minha *Dofonitinha*, a minha *Fomo*, só faltava minha *Fomotinha*, a Naira, que hoje é a *Deré* daqui da nossa casa, que minha mãe honrosamente escolheu ela, por merecimento de estar me acompanhando esses anos todos, e eu. E aí, quando eu cheguei, o pai de santo botou a mão na cabeça e perguntou pra *Dofona Rosa*, que é do Ogum, uma mulher do Ogum que eu tenho muito respeito, *Dofona meu Kolofé*, que foi ela a intermediária que me trouxe a esse Axé maravilhoso aonde que eu estou até hoje.

Então ele botou a mão na cabeça e disse: “Mulher! o que que você veio fazer aqui?” Aí eu falei: “ué, o senhor mesmo me chamou pra mim conhecer o seu sítio! E o senhor diz que agora o senhor está espantado porquê que eu vim aqui?” Mas também não me falou que tinha barco recolhido. E tava uma chuva, uma chuva... nessa época meu filho, o *Rundevá*, que hoje é *Ogã* de minha mãe *Oyá*, tinha um ano de idade e eu larguei ele com a minha falecida mãe pra mim vir pra cá, sem um real! Enchendo o saco de todo mundo, cheguei pedir pra me emprestar um dinheiro que eu precisava, eu necessitava vim naquele dia aqui nesse sítio.

Mas o barco já estava recolhido e ele falou: “eh, eu sabia que teria mais duas pessoas pra chegar, uma pessoa seria de Oxum e outra seria uma pessoa de Oyá” e aí ficou todo mundo num suspense: “ó, chegou! Ih, ela é de Oyá! Ih, mas a outra é de Oxum!” e aí passamos o sábado, mas essa parte daqui de trás só tinha o primeiro terreno, e a gente não podia conhecer a casa. Enfim, tanto é que a roça estava em função e a gente não podia ultrapassar daqui pra lá atrás, porque

ainda ia ter algumas coisas a serem feitas pra ver se realmente a gente seria as pessoas que eles estavam aguardando. E passou aquele sábado, mas assim, tudo muito apreensivo, sabe? Todo mundo muito de bochechinho pra cá, de escondido sair de perto pra falar as coisas e eu, como eu sou uma pessoa muito explosiva, eu cheguei pra minha *Fomotinha*, Naira, hoje a *Deré*, e falei pra ela: “eu, hein... pessoal estranho. Não sei nem o que que eu vim fazer aqui... Hum... Essa bicha mandou me chamar, me convidar. Não está me dando nem confiança. Ah! amanhã de manhã eu vou é embora!” Aí minha *Fomotinha*: “é, aqui é estranho, né?, Eu também não tinha nem dinheiro de passagem pra vim. Me deu um fogo, que eu tinha que vim pra cá e estou aqui. É... mas vamos ver”.

Mas ficamos, passamos a noite, e de manhã tomamos café e tal, fizeram almoço... Mas ainda assim, as pessoas muito, muito estranhas. Almoçamos e fomos pra lavar a louça. Eu falei: “bom, deixa as louças que eu lavo”. Minha *Fomotinha* tinha um cabelo farto, bem encaracolado, né? Bonita, vistosa, uma mulher de Oxum. Estava com o cabelo amarrado todo assim em cima da cabeça. A mulher acabou de almoçar e daqui a pouco ela encostou na parede. “Ai, eu estou passando mal”. Ai me pega a chucha do cabelo, solta o cabelo, e dali fala que está passando mal. Está passando mal, está passando mal, e eu estou lá na pia lavando louça. Já trouxeram ela aqui pra trás... E eu tô: “gente, cadê a Naira? Cadê a mulher que tava aqui agora do meu lado?”

E aí, daqui a pouco, já vem umas pessoas já viradas no santo, tinha uma Mãe Iemanjá, um Ogum, o Ogum da *Dofona Rosa*, que foi ela que me trouxe. Uma menina também que eu não me lembro agora, não estou

lembrada se era de Oxum. Aí, daqui a pouco chega lá do outro lado, todo mundo dá o braço pra gente vir aqui pra trás. Falei: “ué, mas ir lá pra trás? mas falaram que não pode ir lá pra trás! Como é que já vem esse povo querendo que eu vou lá pra trás?” E eu falei: “ah, cadê o pai de santo? Porque eu quero falar com ele”. Ah, eu falei: “ah, eu não estou entendendo mais nada!” Mas eu não passei mal nada não. Aí o pessoal chamou, me pegaram e os santo tudo conversando com as *Ekede*, me lembro da *Ekede* Selma e da falecida *Ekede* Célia: “Não, estão perguntando se você está bem”. Não entendia nada de candomblé. “Não, eu estou ótima. Por quê?”

E aquilo foi me dando uma aceleração no meu coração. Não sei se era medo, não sei se era nervoso, se era expectativa do que ia acontecer ali naquela hora. E aí me chamaram pra mim vir aqui pra trás. Quando eu chego aqui atrás, ali de primeira, ali tem essa mangueira de Pai Odé, aonde que também se cultuava minha mãe Oyá. E aí eu já não vi mais nada. Já acordei já no outro dia, já dentro do *Sabagi*. E aí, dentro do *Sabagi*, já foi aquele processo de se perguntar se você quer ficar. E você não é obrigada, mas também não é dito pra sair. Eu quis sair, porque eu tinha um filho pequeno. Minha família, ninguém sabia e acharam que eu já tinha armado aquilo tudo. E foi muito triste, também, por um outro lado, pra mim, porque as pessoas desacreditaram na minha palavra, meus familiares, meu esposo.... Eu estava com um filho de um ano de idade, não tinha expectativa do que iria acontecer comigo. Então eu larguei tudo assim e abandonei tudo muito assim. Toda vez que eu falava que eu queria ir embora, que eu não queria ficar, eu bolava. E aí meu pai de santo, que Deus o tenha e *Orunmilá* também, ele foi

uma pessoa muito sensata e muito honesta comigo: “olha, a sua situação é essa, mas se você não quiser também, você tem todo o direito de você dizer que não quer, de você ir embora. Eu abro a porta do *Sabagi*, eu deixo o portão a hora que você quiser, se você conseguir. Se você conseguir sair, você pode, sem problema algum”. Mas minha Mãe, ela não quis que eu fosse, né? Estou aqui até hoje.

Carlos: E antes do *Omolocô*?

Gayaku Elenice: Não tinha. Eu era novinha, eu queria era pagode. Eu queria era cerveja, eu queria beijar na boca. Não tinha compromisso com o santo. Minha família, minha falecida minha mãe era de umbanda, mas eu não queria saber. Eu era nova, eu queria lá de negócio de compromisso?

Carlos: mas a senhora já conhecia?

Gayaku Elenice: Sim, já conhecia, mas eu não queria ter compromisso. Só fui ter compromisso depois que eu fui pra esse *Omolocô* e que eu conheci o pai dos meus filhos: do Luan e do Alan. Ele eu conheci nesse terreiro aonde que eu fui tomar um passe. E aí, eu conheci ele ali e aí eu comecei a frequentar a casa e nessa casa foi a primeira vez que Pombagira me pegou, nessa casa de *Omolocô*, e aí foi. Mas antes eu não tinha responsabilidade. Sempre fui da macumba, sempre! Nasci dentro da macumba, mas nos meus dezoito, dezenove, vinte anos, meu negócio era curtição.

Carlos: E como a senhora define ancestralidade?

Gayaku Elenice: ancestralidade, ancestral... quando a gente fala ancestral a gente já está falando de coisas nossas que veio lá de trás, no decorrer de uma evolução, até hoje. Ancestralidade são os nossos familiares, os nossos entes queridos, os nossos amigos, né? E também pode ser até também os nossos inimigos, que tem tanta coisa ruim que acontece, né? A partir do mundo de hoje, que estamos com pessoas, até mesmo pessoas que convivem conosco, podem ser pessoas más, pessoas ruins, pessoas sem intuito de viver, de ter o coração bom, essas pessoas também já podem ter passado na nossa vida, pode ter sido um irmão, um tio, um primo, que foi tão má e hoje ele está entre nós. Isso é ancestralidade.

Mas a ancestralidade do bem, ancestralidade daquele que te socorreu nos momentos precisos, aquele que foi muito bom nas suas horas de tristeza, nas suas horas que você não sabia como se direcionar. Então, essa ancestralidade ela faz parte, hoje, de um caminho que a gente não podemos esquecer, pelo menos eu digo por mim. Antes de fazer qualquer coisa, dar essência aos nossos antepassados, aos nossos ancestrais que fizeram com que a gente pudesse ter uma uma religião, né? Não só candomblecista ou umbandista, mas quem realmente crê em ancestralidade. Não precisa ser só da macumba pra gente crer que na face da terra, no mundo, todos aqueles que partem, pra nós, são ancestrais, e existem ancestrais muito bons, ancestrais de culto, que a gente cultua pra trazer a paz, pra trazer harmonia, pra trazer a fé, pra trazer o amor, a união pra dentro da Casa de Axé, que hoje está tão defasada.

Carlos: E como que o Candomblé favorece a senhora a cuidar da sua ancestralidade?

Gayaku Elenice: Ele me favorece no meu amor que eu tenho pelo meu Axé, pelo amor que eu tenho pelos meus *Voduns*, pelo amor que eu tenho a terra da onde cada *atinjá* desse é plantado aqui. Cada força que rege aqui dentro dessa casa. Hoje mesmo aconteceu um fato muito marcante pra mim que eu não posso falar, que é uma coisa de fundamento, mas eu estava pra ir pro jogo pra ver essa coisa e isso aconteceu antes de eu jogar, e foi uma coisa maravilhosa. O santo veio, né? Mãe Oxum na cabeça de minha irmã veio pra me dizer que era aquilo que eu ia pro jogo pra mim saber. Então isso que eu acho que é essa forma que me toma, essa forma que me faz ficar forte quando eu já penso que eu já não tenho força, e a minha desistência, quando eu acho que ela está chegando, então vem alguma coisa que fala: “não! É isso.” E é isso que me ergue, é isso que me revigora, é isso que me fortalece.

Carlos: Chegar até aqui no *Rumpame* foi um uma condição, foi um processo guiado pelos *Voduns*, mas a permanência da senhora aqui foi uma escolha da senhora. Por que o Jeje?

Gayaku Elenice: Não. Não foi uma escolha minha. Porque a partir do momento que o meu falecido pai de santo vai pro *Orum* e o *Orixá*, o pai Odé, que é o dono do Axé, ele escolhe uma única filha, que teve cargo de ser uma líder espiritual e dela seguir, levar a bandeira desse Axé, levar as condições da casa que estava uma casa precária, uma casa abandonada, uma casa sem manutenção de nada e hoje você está aqui, você é meu filho, você vê esse mundo que isso é. Eu não queria essa responsabilidade tão grande pra mim. Não foi uma escolha, porque quem é de *Vodun* nunca escolhe. A gente já nasce, a escolha já foi feita lá atrás, antes da gente



Tempos de Rezo.
Fotografia por Bitta Bardo, Pirituba, SP, 2023

Oração meu Pai Nosso
Ternozinhos Pai quem
tão, e K aguar, Fogo
tão e por abris M
munchos...

nascer. Então, a gente nunca escolhe nada, a gente somos obedientes. Eu, por mim, na época, eu fiquei muito no meu pensamento em não aceitar, porque todos me abandonaram, todos me criticaram, todos não levaram fé no meu amor pelo *Orixá*, todos não levaram fé que realmente eu seria uma mulher que realmente eu poderia levar uma casa de Axé, pois era uma mulher sozinha, uma mulher negra, uma mulher com dois filhos pequenos, e que credibilidade que essa pessoa iria ter? Uma mulher preta lidar com uma roça dessa aonde que só, não sendo racista e nem sendo homofóbica, mas aonde que a maioria só tinha gente da pele clara e também só tinha pessoas que tinha sua sexualidade entre si. Então, como é que uma negra, que não sei de onde que vem, já que a maioria das pessoas eu não conhecia...

E as pessoas que já estavam aqui, elas sempre diziam que eu era a pessoa ideal e que meu pai de santo acreditava muito em mim, que meu pai de santo confiava muito em mim... Ora, após o falecimento do meu pai, cadê? Pra onde foi a confiança dessas pessoas? Pra onde foi aquela pessoa que viu como eu era a pessoa mais inteligente? Como eu, porque eu era uma mulher de Oyá, a mulher de que fica no fogão de lenha até cinco hora da manhã, a mulher de Oyá que sai daqui pra ir trabalhar e que volta e nunca faltei um *candomblé*, nunca faltei um *narrun*, nunca faltei uma festa do Exu do meu pai, nunca faltei um *bori* de atabaque, nunca faltei um *bori* do meu pai de santo, diferente das demais.

Então quando você me pergunta se isso foi uma escolha, não. Porque eu já tinha sido escolhida. E eu respeito a voz da palavra do *Vodun*. Se o *Vodun* disse pra mim que eu seria capaz, eu estou aqui já tem sete anos.

Carlos: E como é, no entendimento da senhora, a imagem do Deus que a senhora cultua?

Gayaku Elenice: O Deus pra mim é um Deus vivo, é um Deus da natureza, é um Deus das folha, é um Deus das água, é um Deus da forma dos *ibás*, do coração da terra, que são os *ocutás* que a gente alimenta. Esse Deus que eu clamo quando eu boto o meu *Ori* no chão, na casa de nosso Pai Azanssu, e que eu peço pra qualquer um que esteja num leito de um hospital. Esse Deus negro que me toma de energia de amor, de fé, a cada momento que eu tiro o meu chinelo e que eu ajoelho nessa terra fria, nessa terra forte.

É essa força que me toma, essa força que me toma de prevalecer a cada tempo, sabe? E, pra mim e pros meus, porque nesse ano de dois mil e vinte e um e dois mil e vinte dois que é a covid, né? Esse doença maligna, esse *Iku* que pairou ao Brasil todo, que levou tanta gente embora. E que tantas pessoas boas, tantas pessoas de santo, tantas pessoas que ainda tavam nascendo, foram embora. E eu clamei a esse Deus negro que eu tanto amo, que eu tanto venero, que eu tanto admiro, que eu tanto creio. Ele foi tão bom pra mim. Ele me iluminou todos os meus pensamentos. Ele foi tão forte na posição da minha palavra em pedir pros meus, que eu não perdi. A única pessoa que eu perdi nesse ano desse *Iku* foi a minha mãe carnal, que foi uma parte muito grande pra mim, de eu pedir tanto por todos, e todos que eu pedi ficaram, e eu pedi tanto pela minha mãe e minha mãe foi embora. Mas eu não culpo. De repente, poderia ser o momento que ela não teria mais parte, não teria mais o que fazer. Então eu agradeço esse Deus que eu clamo pelos meus familiares, pelos meus filhos, pelos meus filhos de santo, pela

minha Casa de Axé. Que não foi tomada com essa praga, com essa peste, com esse *Iku* que até hoje ainda está ainda sobre a gente. E com pessoas boas, com pessoas ruins.

Mas esse Deus ele é sabedor de todas as coisas. O vento quando ele vem ele não diz a quem. A água quando ela vem ela não se diz o porquê. As folhas quando elas caem ela não nos dizem aonde. Então esse *Iku* também a gente não sabemos, a gente só sabemos que foi uma praga que veio pra devastar a humanidade pra ver se um pouco das pessoas que creem em algo ou que tem fé em alguma coisa se acordem, se apeguem no que elas acham que é o correto. Mas as pessoas estão com os corações tão cheio de mágoas, de sentimentos rancorosos, de posições que não são permitidas pra elas mesmas, mas elas querem aplicar para as outras. Entende? Então isso não é uma força de um Deus do qual você diz que você ama. E essa força é que me rege, meu filho. Essa força que me dá estrutura. Que às vezes, não pensa você que eu tenho a vontade, já de muitas vezes, de dizer “eu não tenho a necessidade de passar por isso”. Mas eu tenho a obrigação de passar por isso. Você entendeu? E é isso.

Carlos: A senhora disse pras pessoas, num momento de dificuldade, no exemplo que a senhora deu da Covid, se apeguem ao que elas acreditam. Então, pensando nisso, pra senhora, qual é a importância da gente cultivar uma forma de religiosidade?

Gayaku Elenice: Amor, devoção, lealdade, são essas três formas. Se você amar aquilo que você cultua, é a sua força. Ser leal não é com ser humano, leal àquele que abriu as portas e que diz que você é filho. Um pai ele não vai deixar de te amar. Ele não vai deixar

de ser leal a você. Como uma mãe, ela não vai deixar de te amar. Você pode ser o pior filho mas você é o filho que ela ama. É o filho que ela é leal. Por que que as pessoas também não fazem isso, gente, a mesma coisa pelo *Vodun*? As pessoas só querem, num momento difícil, ir na casa do velho. “Porque eu sou, porque eu estou.... me cubra com as suas palhas”. Mas acaba a sua dificuldade, acabou? Aí acaba o amor? Aí acaba a razão de você estar? Acaba a sua lealdade àquele que na hora que você mais precisou, aonde que está? Aí você sai daqui e você vai pra outro lugar. Chega lá você também vai agir da mesma forma. Você nunca, então, vai ter amor, você vai ter lealdade com uma força chamado pai ou mãe espiritual seu. Você vai chegar, vai parar aqui, você vai chegar lá no outro, vai parar lá, você vai chegar lá no outro, vai parar ali, mas você não sabe quem é seu pai, quem é a sua mãe. Pra você aprender, você tem que saber o que é amor, o que é se amar. Não é só amar o ser humano não. Amar o espírito. O espírito que te rege, o espírito que te cobre. O espírito que sempre quando você deita a sua cabeça no seu travesseiro com tanto problema você bota a mão: “oh meu pai, que que eu vou fazer? Me dê uma direção, me mostre algo que me conforte, que me sustente, pra mim superar essa batalha, essa guerra, essas coisas que estão acontecendo, que eu não estou vendo solução”. Aí, no outro dia, se passa um, ou dois, ou três dias, parece que tava ali do teu lado! Aí já aparece um já que estende a mão, já aparece um pra fazer uma coisa pra você, já vem um já com uma outra solução. Você acha que isso é o quê? Só material? Você acabou de botar a sua cabeça no travesseiro, você pediu e ninguém sabe disso, só você e essa é a força que te rege. Ela lhe ouve. Então é como seu pai e sua mãe quando você vai pedir um conselho: “Mãe, eu estou

precisando...”, “Ah, mãe, mas eu não sei...”, “Poxa, não sei como que eu vou fazer”, e tal. “Oh, meu filho, eu já falei isso, isso e isso pra você. Você não me escuta”..., “Viu, se você tivesse me escutado as coisas não tariam assim”. E a mesma coisa é o *Vodun*.

Carlos: O que a senhora está querendo dizer é que o cuidado, o dia a dia, o amor que a senhora nutre aqui dentro da religião é o que ajuda a senhora a ter caminho dentro e fora da das questões da religião?

Gayaku Elenice: Eu creio que sim, porque hoje eu me dedico vinte e quatro por quarenta e oito à minha casa de Axé. Eu não tenho nada a ver com a casa do seu ninguém, eu tenho que haver com a minha. É a minha que eu quero zelar, é a minha que eu quero cuidar, é a minha que eu quero fazer pros *Voduns* do meu Axé. Porque essa casa não é a casa nossa, é a casa dos *Voduns*. Não tem a casa aqui DO *Vodum*; não existe só um. Aqui é a casa DOS *Voduns*, aqui é a casa dos *Orixás*. Isso aqui não é a casa que foi do meu falecido pai de santo, não é a casa dos irmãos que estão aí nessa pauta, que eu não quero entrar em detalhe disso, e não é a minha casa. Eu nunca tive casa. *Orixá* tem casa. Nós, filhos, não. Porque quando a gente fazemos a passagem, a nossa casa já está pronta. É uma morada que não tem dono. É de todos. Então, também, Axé, a casa é de todos os *Orixás*. E nós que somos seres humanos a gente temos a nossa casa. Mas já é uma casa marcada. Que todos vamos pra lá, e é isso.

Carlos: E qual é a principal preocupação, o principal ensinamento que a senhora busca e gostaria de passar pros seus filhos?

Gayaku Elenice: Primeiro lugar, hierarquia. Eu só passo pros meus filhos aquilo que meu pai passou pra mim. Se você é de uma forma arcaica, como ele teve e que ele plantou na casa dele, e que ele passou pra gente que, agora, dia dez de dezembro, eu e minha *Fomotinha* faremos vinte e nove anos de feitas dentro do *Rumpame Dan Kwe Lemin*, então, o que eu passo pros meus filhos é educação de axé e tradição.

Carlos: Pensando em quem vai ler as palavras da senhora e que não conhece o fundamento do Jeje, tem algo que a senhora possa dizer e explicar pras pessoas o que é o Jeje, como o Jeje funciona?

Gayaku Elenice: É, explicar fica um pouco difícil, né? Porque a maioria das pessoas vê o Jeje como uma coisa, assim, muito rigorosa, muito restrita, e realmente é a verdade, e hoje as pessoas não querem muito essa forma, assim, tão reservada. Mas o Jeje ele traz sim verdades pra nós, não estou falando pra casa de ninguém, tá, gente? Eu estou falando pra mim, do Jeje. É um Jeje que a gente temos realmente, para as pessoas que passam pelos fundamentos, os *voduncis* que já são feitos, o Jeje ele mostra realmente formas de bem, bem, bem lá de trás, tipo a trajetória dos escravos. Mostra que a gente tem uma cultura que realmente os escravos também faziam, que é essa coisa de comer de mão, essa coisa de andar na roça, dormir numa senzala, a roça ser de barro, e muitas outras coisas que, infelizmente, no momento, eu não posso abrir pra mim poder explicar a vocês. Mas o Jeje, eu tenho assim, que realmente é a forma certa que seria pra muitas pessoas que se acham, sabe, as sabedoras de tudo. Seria uma grande escola pra elas.

Carlos: E depois de vinte e nove anos de santo, quando a senhora está lá nos rituais, comendo de mão, fazendo, como a senhora disse, o que esses antepassados, escravizados, fizeram, do mesmo jeitinho. A senhora ainda se emociona?

Gayaku Elenice: Bastante. Claro! É uma força, assim, que você se lembra de você lá atrás. É um filme, né? É um processo que passa na sua cabeça que você fala: “meu Deus! como que isso pode?” Então, hoje, quando eu entro pra mim dar minhas obrigações, eu não fico como a mãe de santo, eu fico como a *Gamo*. Aqui fora eu sou a *Gayaku*, mas daquela porta, daquela portinha lá pra dentro, lá é minha senzala, ali não tem a *Gayaku*, ali não tem a mãe de santo. Ali não tem a sabedora de nada. Ali é a *Gamo* que é *Iyawó*, que aprende, que passa pros seus, que se curva perante a um elo, a um fato, a uma razão, a um propósito, a tudo que você achar de componente. Então, eu também fico muito honrosa e muito emocionada quando eu entro dentro daquele *Rundeme* e vejo todo mundo de carequinha, né? Com a cabeça, todo mundo, carequinha. E, passando, eu falo: “gente... há vinte e nove anos eu também passei por isso” e é onde que eu torno a repetir: é um filme que nunca vai apagar da nossa mente. Não, pelo menos não da minha.

Carlos: E quando a senhora olha pra trás, qual foi a grande lição que essa jornada trouxe pra senhora?

Gayaku Elenice: A grande lição pra mim foi pra eu nunca deixar de acreditar em mim mesma e saber que eu tenho uma força tão grande na minha vida, né? Que quando as pessoas abandonam a gente e quando as pessoas nos desmerecem, as pessoas não dão credibilidade a você, as pessoas zombam, as pessoas não te definem você como uma pessoa que realmente tem um valor ou uma capacidade... E aí lá na frente, quando você passa por isso tudo e você fala “caramba” que mulher forte que eu fui... Consegui!”



*Gayaku Elenice com filhos e filhas de santo
Fotografia cedida por Gayaku Elenice, 2023.*

o que todo mundo me apedrejava, que todo mundo caçoava, que todo mundo debochava, né?

E a pior coisa foi falarem que eu não ia conseguir levar isso aqui porque eu era um preta, pobre e não tinha conhecimento de nada.

Mas eu não fui na porta de ninguém que falou isso. Eu vim demonstrando ao longo, no decorrer do tempo. Tanto é que algumas pessoas já vieram aqui, pessoas que falaram, que caçoaram, que desacreditaram. E, assim, eu falo isso não é com tristeza não; eu falo isso, também, até com uma grande leveza, que hoje eu posso falar isso sem problema nenhum pra mim, porque antes eu não gostava nem de tocar num assunto desse, que me feria demais. Mas eu me superei e fico muito honrosa de mim própria por ter vencido essas palavras inimigas da minha vida, de ter pessoas passadas na minha vida que não fossem honrosas de estarem comigo.

Mas que hoje vamos ter os trinta anos da nossa casa, vamos fazer uma festa belíssima, um candomblé lindíssimo, com a força dos *Vodun*, com a força dos meus filhos de santo, com a força das pessoas que estão comigo até hoje, que passaram essa fase toda ruim comigo. Mas essas pessoas que estão e que somam comigo.

Então, isso pra mim é muito honroso, como uma mulher que não sou facultada. Só fiz só o primeiro grau, ensino fundamental. Não tenho faculdade de nada, não tenho sabedoria de nada. Eu procuro amar e zelar o *Orixá*.

Carlos: E qual conselho que a senhora daria pras mulheres pretas, pobres e não facultadas que, como a senhora fez um dia, estão começando, ou estão dando seguimento nessa vivência no Axé, principalmente como mãe de santo?

Gayaku Elenice: É, a gente sabemos que não é uma missão fácil, mas o conselho que eu dou é sempre acreditar em si e se agarrar aos seus. Se você tem seu *Exu*, se você tem sua *Pombagira*, se você tem o seu *Vodun*, se você tem seu jogo, acredite em você. A sua capacidade não vem de ninguém.

As pessoas vão sim não ter crença, as pessoas não vão olhar você, ainda mais quando vê que você vai começar a alcançar algo. Vão falar palavras de desistência, vão falar palavras que você não tem situação financeira pra você levar um Axé, pra você fazer um candomblé, pra você tirar um *Iyawó*, pra você fazer uma festa de *Exu*, mas você tem que acreditar em você. Acredite na sua palavra, acredite na sua palavra, acredite no seu *canimó*, no seu coração, dê ele ao seu *Orixá*, dê ele ao seu *Exu*, dê ele ao seu Nego Velho, dê ao seu Caboclo ou a sua Cabocla, enfim. E agradeça a *Orunmilá* todos os dias por você respirar esse vento que nos fortalece, e agradeça a terra ao Velho, que a gente tenha a força. Todo dia vá lá na sua casa e bata a cabeça para que o nosso pai cubra a gente com a palha, que pra esse pó a gente vai, mas antes da gente ir, a gente vamos deixar uma bandeira em pé. *Axé*.

Carlos: Recentemente a senhora recebeu um título de Doutora *Honoris Causa*.

Gayaku Elenice: Ih! É, menino!

Carlos: Isso significa o que pra senhora?

Gayaku Elenice: Assim... pra mim significa uma coisa que foi além pra mim, eu Elenice, não é nada de *Gayaku*, né? Como uma pessoa assim estudada, gente! Estudada, não sábia! Estudada é uma coisa. Que eu, Elenice, eu não tenho sabedoria de nada. A cada dia que passar se tiver uma nova coisa que algum mais velho chegar, “Oh, Elenice, isso aqui assim...” que eu não souber, eu vou agradecer, porque está me ensinando. Mas este título, Carlos, foi como um prêmio dessa mulher que hoje eu sou, essa mulher que os outros falam que eu sou forte, mas que eu não vou ficar me colocando também com muitos méritos, que é claro que eu tenho que me colocar, mas eu quero me colocar numa posição, e essa posição foi uma posição muito importante não pra mostrar nada a ninguém, mas mostrar pra mim mesmo, como eu já te disse aí, que eu venci. Eu venci o buraco que queriam me enterrar. Eu não sou fênix, mas o vento de minha mãe soprou minhas asas, como se fosse de uma borboleta, que foram longe e pousaram numa árvore e ela ficou lá com as asas abertas! E disse: “você é capaz”. E é isso.

Inclusive, ele está aqui na cozinha. Vou até colocar meu diplomazinho lá no *Abaçá*, pra todos verem que eu sou a doutora Elenice, *Gamo* de Oyá!

Carlos: A Senhora falou bastante dos *Voduns*, o que eles representam pra senhora e também dentro dos ritos do Candomblé. Gostaria que a senhora falasse, também, o que significa, pra senhora, o cuidado com os *Exus* e *Pombagiras*.

Gayaku Elenice: Você pegou também num ponto muito bom. Aliás, todos os pontos de

dentro da Casa de Axé são pontos que são essenciais a tudo. Mas essa força chamada *Exu* e *Pombagira* eles são os nossos caminhos. Não digo que os *Voduns* também não sejam, mas *Exu* ta contigo dia a dia. *Exu* está contigo o dia a dia. *Exu* está contigo a todo momento. *Exu* está aqui com a gente nesse momento aqui agora, sentado aqui também me ouvindo. E *Exu*, antes da gente sair da nossa casa, quando esse *Exu* que é bem cuidado, bem olhado, bem tratado, bem firmado, ele não permite que nada no seu caminho aconteça, porque ele é protetor.

O *Orixá* ele é divindade. O *Exu* é cuidado, é zelo. Nós somos filhos de *Exu*. Nós somos filhos de *Exu*. Eles que nos amparam nos momentos das nossas dificuldades financeiras. Eu por exemplo: “Ó, *Exu*, me ajuda. Olha, essa semana entra um dinheiro, porque eu preciso!”. Ele está de saco cheio de mim. Esse mês aqui nessa roça, porque eu peço ele todo dia. E ele não me deixa em falta, sabe? As coisas acontecem de verdade. Mas eu também não deixo de agradá-los. Porque se eu dou pra eles, eles me dão.

Exu que não come, não trabalha. Você come todo dia! Como é que você só quer de *Exu*, se você não dá nada ele pra comer? Então ele senta e: “oh, trabalhe você. Você quer que eu trabalhe? Então ame *Exu*. Dê a *Exu*”. Faça. Não é pra você ter que fazer para o *Exu*. Você tem que fazer com que *Exu* esteja de prontidão no seu caminho e de ter o cetro dele na mão, a sua defesa.

Carlos: Eu pergunto isso porque, pra algumas pessoas, as casas de candomblé que tem um espaço e a condição de zelar das entidades *Exu* e *Pombagira*, esse candomblé já não está puro, está misturado. Então o que

a senhora diria pra essas pessoas, pra elas entenderem como que se dá o cuidado de *Exu* por parte dos filhos de candomblé?

Gayaku Elenice: As pessoas veem como Candomblé de Umbanda, mas se você já vem de uma ancestralidade, que você já vem trazendo os seus antepassados, que são os nossos que nos amparam, como, por quê, não?

Nos tempos anteriores, das senzalas, as pessoas cultuavam *Exu*. As pessoas colocavam um frango na encruzilhada, as pessoas botavam um *padê* dentro do *Abaçá* ou dentro do templo aonde que eles cultivavam o seu Candomblé. Então eu, para mim, essa forma de hoje em dizer que o Candomblé não é puro por causa de *Exu*, pra mim não está me dizendo nada. E também não dizia nada nem ao meu pai de santo, porque ele com o Jeje, as pessoas falam que aqui não é Jeje, que aqui é “Jejumbanda”. Pra mim as pessoas podem falar o que quiserem. Eu sei da minha origem, eu sei da minha doutrina, eu sei da minha cultura. Então não vou deixar de cultuar meu *Exu* de Umbanda. As pessoas cultuam os seus. Então, cada um tem que saber do seu. Essa passagem em dizer que é puro, somos puros de quê, gente? A gente não somos puros de nada, a gente somos falhos, somos podres, que quando a gente morrer a gente vai tudo para o mesmo lugar. *Exu* é Rei, *Exu* é *Orixá*, *Nkisi*, eles estão tronados.

Nós somos simples seres humanos, que não sabemos o que falamos, mas *Orixá* e *Exu* sabem o que falam e o que fazem. Eu não dou nem credibilidade a essas pessoas em dizerem que hoje o Candomblé não é mais puro, porque mistura. As pessoas estão passando do limite, em pensar em dizer que

hoje o Candomblé não é puro por causa dos *Exus* de umbanda, da bagunça que querem fazer com os *Exu* de umbanda. Porque hoje ninguém mais quer botar uma capa, ninguém quer pisar num caco de vidro. Qual *Exu* hoje que quer engolir fogo, não existe mais isso. Hoje que se diz que tem tanto filho de Umbanda que fazem festas extraordinárias... *Exu* não é nada disso, gente! *Exu* não quer nada disso. Mas as pessoas estão passando do limite. E é isso.

Carlos: a senhora falou que o teu Deus é negro e que aqui no Jeje estamos honrando essa tradição do rito que era feito pelos nossos antepassados, pelos escravizados, que foram pessoas negras. Como a senhora percebe, nos dias de hoje, a maior frequência de pessoas não negras dentro do Candomblé?

Gayaku Elenice: querem tomar. Querem não, já tomaram a nossa seita, né, gente? Deixamos aberto demais, porque hoje a maioria das pessoas de pele branca, não sou racista, tá? Quero deixar isso aqui bem claro, mas essas pessoas tomaram, no nosso culto, coisas que gente de pele clara, naquele século, abominavam, cuspiam, zombavam e, hoje, essas pessoas idolatrando os nossos deuses, dizendo que são fervorosos. E esses antepassados dessas pessoas? porque elas têm esses antepassados, com certeza...

Eu até acredito na forma do *canimó* delas, mas não de antepassados. Os nossos foram aqueles que sofreram, foram aqueles que foram humilhados, foram pisados, foram descrentes. Como, hoje, essas pessoas veem a nossa religião como se fosse delas? Aonde é que está escrito? Que eu, às vezes, eu paro e fico me perguntando: então, quando uma pessoa diz que “teve um parente muito

distante que foi negro”. “Eu sou dessa religião porque eu tive um parente que foi muito distante, que também minha vó foi escrava”. A pessoa branca, branca, branca! De olhos azuis, já teve uma outra tradição, outra família... Como que essa pessoa é descendente, de filhos, de matrizes africanas?

Não tenho respostas pra isso. E que não me cabe, lógico, que quem sou eu? Mas eu fico muito triste com o Candomblé, que essas pessoas colocam através de aquilo lá atrás que foram lá, no popular, roubaram de nós. Porque candomblé hoje pra esse povo é festa, é farra, é orgia, e pra nós, negros e negras, pra nós é amor, é respeito é educação, é ensinamento. Por que que muitos *Iyawô* hoje, novos, saem de uma casa de Axé revoltados? Não são todos, mas saem de lá aprendendo o que? Qual foi o ensinamento desse povo que diz que são negros? Que tem um ensinamento de livros? Que antepassados? que foram isso e que foram aquilo? Eles pregam o que pra essas pessoas? Que história que essas pessoas tem pra contar da sua raça? Da sua cor de pele? Eles viveram, os antepassados deles viveram o quê?

Pra nós, que somos de matrizes africanas, contar. Eles contam o quê? Que eu espero que você também faça uma entrevista com uma pessoa que seja *Yalorixá* ou *Babalorixá* de pele branca, pra você também procurar saber como que é, porque até hoje eu tenho curiosidade disso.

Carlos. E é interessante, porque um dia que a gente tava conversando, a senhora até chegou a dizer que *Orixá* não vê cor de pele de filho de santo.

Gayaku Elenice: Não. O *Orixá* não vê cor

de pele. Mas cor de pele tem antepassados pra serem ditos. A pele, a pele *Orixá* vê ela num preto, num branco, num sujo, num limpo. Mas agora, cadê a história dessas pessoas? Elas tomam a nossa pra ser contada? De repente uma pessoa de pele branca tem um coração até melhor do que um nosso, que seja. Porque o *Orixá* determinou, escolheu ela, que ela tem um bom coração, não é pela pele dela, mas o sangue é o nosso que corre na nossa veia. Mas que história de antepassado esse tom de pele branca tem pra se contar pra gente? Porque nós temos a nossa história negra massacrada, humilhada, escravizada... E o tom de pele branca? Qual é? Então eu deixo pra você um ponto de interrogação.

Carlos: *Gayaku*, tô terminando. Gostaria de saber se, quando a senhora olha pra trás, tem alguma coisa da qual a senhora se arrepende.

Gayaku Elenice: Eh, eu acho que eu não tenho. De olhar pra trás e dizer uma coisa que eu me arrependa. De santo eu não posso falar nada. Eu me arrependo de não ter casado com a força dos *Orixás*, mas eu acho que esse ano eu ainda vou fazer isso. Essa força que me envolve, por que não selar? Né? A minha vida, o meu amor que eu tenho hoje pelo meu esposo, que é o *Ogã* Maurício, e com a força do meu amor também pelos *Voduns*. Essa é uma coisa que eu me arrependo. Mas tá aí, boa ideia! Já não vou ter mais arrependimento. E é isso gente!

Vodun Paunha Anadeji. *Vodun Paunha Anadeji* é gratidão, muito obrigado. Que essas palavras, esta entrevista que o meu filho Carlos que também é uma pessoa de um *canimó* imenso, um *canimó*, gente, é um coração imenso. Um olho que ele tem é um *Oju* maravilhoso, de uma visão inacreditável

porque ele também teve provas precisas e concretas e realizadas dentro do meu Axé. Então nós só temos que agradecer, nós só temos que botar o nosso joelhinho no chão, botar o nosso *Itá*, que é a nossa cabeça, e a cada tempo a gente ser grato e a gente saber que há uma força única que tem pairado sobre nós, que é *Orixá*. Então, é isso.

Muito obrigado, a todos e todas, e um grande abraço. Que os *Voduns*, que a força do astral, seja ela do céu, da terra, dos mares, do vento... que ela envolva todos nós e que clame em cada tempo que a gente necessitar, essa força pra gente poder estar em pé, em cima dessa terra maravilhosa, que se chama *Azanssu*. Um beijo, e vamos que vamos!



Foto do candomblé realizado em 21 de outubro de 2023, em comemoração aos 30 anos do Rumpame Dan Kwe Lemin, fundado em 16 de outubro de 1993, por Gayaku Luiza.

Fotografia tirada por Rômulo Corleone e cedida por Gayaku Elenice, 2023.